

José Benedicto Cohen: um escritor Judeu-marroquino na Amazônia

Antonia Dirlen Pereira Alves*

Resumo: Este artigo estuda os poemas e crônica de José Benedito Cohen publicados no jornal sionista carioca *A Columna*, entre os anos 1916 e 1917. Para tal, é necessário considerar quem foi o poeta judeu-marroquino, de que forma ele contribuiu para a literatura da região amazônica e como suas criações ecoam as concepções do judaísmo e do sionismo. Neste percurso, a metodologia adotada foi a de pesquisa bibliográfica, sendo utilizados os estudos de Igel (1997), Waldman (2003), Veltman (2005), Falbel (2008) e Benchimol (2009). A partir disso, foi possível comprovar a presença do escritor tanto na esfera religiosa e literária quanto política e social da região norte.

Palavras-chave: Cohen; Judeus na Amazônia; Poema; Crônica.

Abstract: This work presents a study of poems and a chronicle by José Benedito Cohen published by the carioca Zionist newspaper *A Columna*, between 1916 and 1917. For this purpose, it is necessary to consider who was this Moroccan Jew poet, how he contributed to Amazonian literature, and how his writings echoed the Judaism and Zionism conceptions. Throughout this work, the methodology adopted was the bibliographic research, where studies by Regina Igel (1997), Berta Waldman (2003), Henrique Veltman (2005), Nachman Falbel (2008), Samuel Benchimol (2009), amongst others, were investigated. In conclusion, it was possible to verify the presence of the writer, both in the religious and literary sphere as well as in the political and social one, in the north of Brazil.

Keywords: Cohen; Jew in the Amazonia; Poem; Chronicle.

* Graduada de Letras - Língua Portuguesa e bolsista PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) na Universidade Federal do Pará. E-mail: atndirlen01@gmail.com.

1. Introdução

Após a expulsão dos judeus da Espanha em 1492 e de Portugal em 1496, muitos buscaram refúgio no Marrocos, que por vários séculos lhes serviu de abrigo. No entanto, estar nesse lugar não era sinônimo de sossego, já que os refugiados foram alvo de perseguições, violências e humilhações durante os mais de trezentos anos que por lá ficaram. Isso levou muitos grupos a emigrarem para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Em 1810, teve início a diáspora judaico-marroquina em direção à região amazônica (BENCHIMOL, 2009). Segundo Benchimol (2009), além dos infortúnios como pobreza, fome e discriminação, fatores econômicos e de liberdade favoreceram a vinda de judeus marroquinos para a Amazônia:

[...] forças de atração e favorecimento, de ordem política e econômica oferecida pelo Brasil e Amazônia, como a abertura dos portos, tratados de alianças e amizade, extinção da inquisição, liberdade de culto, abertura do rio Amazonas à navegação exterior e outros elementos que contribuíram para buscar a Amazônia – a nova Terra da Promissão – a Eretz Amazônia. (BENCHIMOL, 2009, p. 259).

Em muitos textos que abordam a temática da presença judaica na Amazônia, o que se vê é a ideia de que a Amazônia foi concebida como a “Terra da Promissão” e como uma “pátria livre para seus correligionários” (ROSENBLATT, 1999, p. 159). Ou seja, “o Brasil, mais precisamente, a Amazônia, é retratada como uma terra da promessa, um Eldorado que receberia com generosidade os dispersos advindos da Península Ibérica e depois do Marrocos e da Turquia: os sefarditas” (CONDE-SILVA, 2020, p. 5).

Assim sendo, com a imigração, os judeus encontraram na Amazônia um lugar de muito trabalho, contribuindo com o crescimento econômico e social da região. Muitos desses judeus tornaram-se regatões, mercadores navegantes que vendiam seus produtos entre os ribeirinhos. Segundo Veltman (2005, p. 42),

os judeus foram os primeiros regatões da Amazônia. Ou seja, suas embarcações levavam as mercadorias para trocar nos seringais mais distantes por borracha, castanha, copaíba (cujo bálsamo era, então, a medicação por excelência das doenças venéreas, na Europa), sorva, balata, ucuquirana, peles e couros de animais silvestres. Muito freqüentemente, os regatões entravam em choque com o grande poder e o monopólio dos aviadores que ‘fechavam os rios’ e eram ‘os donos da praça’.

Os judeus marroquinos também se aventuraram em outras áreas, como a medicina, o direito, a política e a literatura. Na literatura produzida por escritores judeus na Amazônia, José Benedicto Cohen é um dos pioneiros. Até o momento, existem poucos estudos a respeito de sua literatura. Consideraremos, neste estudo, o artigo “José Benedicto Cohen:

um escritor judeu marroquino na Amazônia”, de autoria da professora Alessandra Conde, publicado na revista *Universo Sefarad*, na edição de setembro de 2021, como aporte de análise para as nossas ponderações.

Além da literatura, Cohen dedicou-se a outras causas, como o sionismo, junto com Major Eliézer Levy, importante político do Pará e do Amapá. Os dois são considerados importantes figuras para o judaísmo e para o movimento sionista na região.

2. Movimento sionista: origem e presença na Amazônia

O termo sionismo vem de “Zion”, do hebraico; remete à ideia de “lugar elevado”, “monte” e “cume”. Está ligado à toponímia bíblica “monte de Sião”, que representa então a ideia de terra prometida. O Sionismo, além de ter um objetivo religioso e se constituir como um ideal messiânico para o povo judeu, é, sobretudo, um movimento nacionalista que possui caráter social e político. Isso porque uma das motivações de sua criação foi o desejo de emergir uma corrente que servisse como objeto de esperança ao povo judeu da diáspora.

Para Hall (2003, p. 28), a diáspora é uma dispersão ou espalhamento forçado de um povo, influenciada por fatores como “a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades [...] podem forçar as pessoas a migrar”. Essa noção advém, de acordo com ele, da história moderna dos judeus e, a partir disso, formam-se novas características identitárias, ou seja, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (HALL, 2003, p. 27), chamando isso de identidade diaspórica.

Ainda sobre esse termo, Igel (1983) apresenta uma diferença entre diáspora e exílio, considerando o contexto judaico. Nesse sentido, diáspora seria a vivência dos judeus no exterior, ou seja, fora de Israel. E exílio diz respeito a um afastamento espiritual de Deus dentro do acontecimento da diáspora (FREDMAN apud IGEL, 1983), que não é o caso de Cohen, já que o escritor judeu procurou sempre mesclar sua religião judaica com a origem amazônica, conforme se vê em seus textos.

O Sionismo surgiu em 1897, no I Congresso Sionista que ficou conhecido como “Congresso de Basília”, tendo como seu principal representante Theodor Herzl. Este propôs, desde o início, a formação de um Estado novo para todos os judeus. Além disso, neste evento, foi decidida a adoção do hebraico como língua oficial. Logo, tal corrente nasceu ecoando a aspiração da criação de um território livre que recebesse os judeus dispersos pelo mundo, que estavam sofrendo *pogroms* e perseguições culturais, étnicas e religiosas.

Foi este movimento ideológico que auxiliou na luta do que mais tarde, em 1948, facilitaria e consolidaria a criação do estado de Israel. Suas principais características e

objetivos basearam-se, desde o princípio, no bem-estar da raça judaica, e isso ia além de possuir o ideal de unificação desse povo, pois “nada do que interessava o desenvolvimento moral, intelectual e econômico do mundo judeu, foi esquecido por ele” (PEREZ, 1916, p. 7). Sobre isso, e ainda a respeito do I Congresso Sionista, na primeira edição jornal Sionista “A Columna” é ressaltado que

o Congresso Sionista foi sempre scientificado do resultado dessas conferências. Herzl, comquanto não atingisse o seu principal objectivo, conseguiu melhorar a situação dos Judeus e mesmo attrahir as sympathias das grandes personalidades do mundo christão para a causa judaica. (PEREZ, 1916, p. 7).

Inicialmente, foi Eliezer Levy, um dos primeiros a desencadear e desenvolver o movimento sionista paraense. O Major Levy teve uma importante participação na política local e, como um judeu que via no ideal sionista esperança e progresso para o seu povo, utilizou-se de sua influência, como político, para adotar políticas sociais que concordassem com o bem-estar e as causas dos judeus que ali viviam.

Um indicador da influência sionista foi a criação da revista *Kol Israel* (A voz de Israel), em 1918, fundada pelo Major Eliezer Levy. Foi o primeiro jornal judaico e sionista na Amazônia. Circulou por mais de 15 anos e durante todo esse tempo facilitou a propagação de notícias e informativos sociais. Para os judeus paraenses, teve uma grande importância já que, como dito, além de trazer notícias a respeito do povo judeu espalhado pelo mundo, como o progresso do movimento sionista se dava ou ainda os infortúnios que judeus passavam em outros países por conta das guerras, também se preocupava em noticiar os acontecimentos da região amazônica, como os casamentos, datas comemorativas e festivais judaicos.

Ainda que Major Eliezer Levy tenha sido o precursor do movimento sionista no Estado do Pará, José Benedicto Cohen também teve sua participação como um dos ideólogos da corrente, uma vez que um dos seus feitos foi o de se utilizar da sua profissão de escritor para propagar ideais sionistas nos periódicos em que também publicava seus poemas, contos e crônicas. Logo, os dois constituem-se como figuras importantes e essenciais para o Sionismo paraense. Cohen chega inclusive a elogiar o político Major Eliezer, na edição de agosto de 1917 do jornal *A Columna*:

[...] a colonia hebraica do Pará além de ser numerosa era rica è illustrada, e não nos podemos furtar á leviandade de aqui ennumerar algumas fortunas verdadeiramente avultadas, e que mais affectam a nossa admiração, por saber que ellas se originaram tão sómente do trabalho honrado e intelligente e que, praza aos céus! se multipliquem por 500, taes como a de Isaac Roffé, [...] Eliezer Levy e muitos outros. (COHEN, 1917, p. 109).

3. Cohen: um poeta marroquino na Amazônia

Embora haja poucas informações a respeito da vida do escritor paraense José Benedito Cohen, sabe-se que ele nasceu no Marrocos em 31 de dezembro de 1872 e veio ainda cedo para o Estado do Pará, com o seu pai. Filho de pai rabino, recebeu dele um vasto conhecimento no que concerne às tradições judaicas, exercendo funções rabínicas que o permitiram atuar como líder religioso na região amazônica.

Além de escritor, Cohen teve outras profissões e chegou a formar-se nas faculdades de Direito e de Odontologia. Também atuou como professor, tradutor e jornalista. Oliveira (2019, p. 65) comenta a respeito de seu exercício em algumas dessas profissões, alegando que

atuava como líder espiritual em Itacoatiara o rabino José Benedito Cohen, que além dos trabalhos religiosos, atendia em seu consultório como dentista, alternando-se entre lecionar para um grupo de alunos em sua residência disciplinas como a língua portuguesa, álgebra e geometria.

Cohen foi um artista plural que, ainda de acordo com Oliveira (2019, p. 65), além dessas atribuições, “[...] passou a publicar poemas, poesias e contos assinados ora como J. Benedicto Cohen ou com o acrônimo JOBECO em jornais locais, ou que circulavam em Belém, Manaus e Rio de Janeiro”. Escreveu para reconhecidos periódicos da época. Além do *A Columna*, escreveu também para o jornal carioca *O Malho*. Na edição de 5 de abril de 1930, foi publicado o conto “Um aviso phostumo”. Cohen também é citado em *Antologia da Cultura Amazônica* por Carlos Rocque (1940, p. 145). Nela encontram-se os poemas “A um suicida” e “Alma doente”, este último dedicado a Eustachio de Azevedo, também poeta paraense.

A temática judaica, em algumas de suas produções, se fez presente. Igel (1997, p. 4) esclarece que uma obra possui tema judaico quando “o conflito principal [...] estiver expressamente ligado ao judaísmo quanto à sua gênese e à vivência física, mental e espiritual de quem escreve”. Ainda nesse sentido e, de acordo com Jozef (2009, p. 194), ser judeu “também é viver e contar sua memória. Reproduzir os gestos e os sons transmitidos pelas gerações, carregar em si a continuidade: a revisão do passado constitui o resgate de um legado cultural”. Para Jozef (2009, p. 196),

desde que existem, os judeus desenvolveram um modo de ser, de existir e de escrever. O judaísmo é uma forma de vida. E para viver, a comunicação. A fala, elo que liga gerações. A escrita, parte integral de nossa civilização. Ambas conferem permanência ao conhecimento. Ler é existir. Existir é conhecer. Conhecimento para a vida. Orientação para a vida. Olhar.

A respeito dos judeus na Amazônia, Igel (1997) diz que o isolamento geográfico dos sefarditas presentes na região amazônica fez com que os judeus de origem marroquina aderissem aos costumes daquela área, mas que ainda assim, prevalecia sua identidade judaica, conforme pode ser percebido em alguns textos de escritores judeus amazônicos. Além de José Benedicto Cohen, Sultana Levy Rosenblatt, Marcos Serruya, Paulo Jacob e Mady Benzecry, fazem parte deste rol, isto é, em suas criações nunca deixaram de lado a temática judaica. Alinhado ao pensamento de Igel, a autora Waldman (2003, p. 20) defende que “quando se pensa a conjugação do ser judeu e do ser brasileiro, vê-se que são termos que não caminham juntos. Cada um deles carrega um conjunto de referentes ligados a realidades históricas, políticas sociais e afetivas diferentes”

4. Textos de José Benedicto Cohen no jornal sionista *A Columna*

O jornal sionista carioca *A Columna*, foi criado por David José Pérez e Álvaro de Castilho e durou de 1916 a 1917. Foi nele que José Benedicto Cohen publicou poemas e crônicas durante todo o tempo de duração do jornal. Em parceria com João de Deus e Jamil Almansur Haddad, Cohen traduziu do hebraico para o português o "Cântico dos cânticos" ou "Cânticos de Salomão". Além disso, publicou seu poema "A Sulamita" no periódico ao longo das edições de fevereiro, março, abril, maio, agosto e dezembro de 1916.

Além do “A Sulamita”, também foram publicados, em 1916, os poemas “Pessah”, “Hagar”, “Israel”, “Vanitas” e “Soneto”. O autor publicaria ainda os poemas “Prometeu” “A Garça”, “Macacos”, “O furão” e “Vampiros”. Por fim, a crônica “Nossos irmãos da Amazônia”, na 17.^a edição, e uma “Carta aberta ao senhor A.B.”, na 18.^a edição do *A Columna*.

Midrash é a prática de uma tradição existente entre escritores de origem judaica. segundo Berezin (1997, p. 187), "a palavra Midrash deriva do radical *Darash* que, no sentido bíblico, significa: buscar, procurar, pesquisar, examinar, investigar." Além disso, o termo é, portanto, um gênero literário, tendo a Bíblia como ponto de partida para recriação de relatos nela presentes, ou seja, une o bíblico ao poético/literário. Logo, esse tipo de trabalho dá licença poética para escritores judeus recriarem relatos bíblicos, "acrescentando uma amplitude épica a seu conteúdo e uma complexidade a seus protagonistas" (BEREZIN, 1997, p. 188) e com isso enriquecem as histórias existentes na Bíblia.

A prática midrashica se faz presente nos poemas de José Benedicto Cohen. Assim, em “Hagar” há claras alusões bíblicas, uma vez que Hagar refere-se a uma personagem da Bíblia que era serva de Sara e de Abraão. A escrava Hagar teve Ismael com Abraão e ganhou a inimizade de sua senhora quando ambas tiveram filhos. No poema de Cohen, o eu lírico

divaga sobre o tempo em que Hagar passa no deserto, após ser expulsa por Abraão a mando de Sara, como se pode ver no trecho a seguir:

Vastissimo o deserto. O sol dardeja a pino,
Badalo colossal do firmamento-o sino...
Hagar de sêde morta e morta de cansaço
Que o pezo de Ismael lhe derriára o braço,
Busca uma sombra, em vão...
Queima-lhe a areia os pés, como se n'um vulcão
Os houvesse enterrados...
- Grande Deus de Abrão! O Altares sagrados! [...]. (COHEN, 1916, p. 161)

O poema "Israel" aborda questões judaicas e sionistas. No soneto, há a utilização de termos em hebraico, enfocando ecos da cultura e da tradição hebraica entre os judeus da Diáspora. Logo, na primeira estrofe, tem-se a referência às profecias dos rabinos que, segundo o eu-lírico, “realizam-se por certo” (COHEN, 1916, p. 76), vaticinando as calamidades que ocorriam contra os judeus na Europa durante o período da Primeira Guerra:

Israel! Israel! As santas profecias
Dos teus santos Xabis, realizam-se por certo!
A Europa em convulsões nos mostra a descoberto
O fim do teu galuth e os ditos de Isaías...

Raça bendita, ri que a remissão vem perto!
Atira para o olvido as paginas sombrias
Dessa historia de dør e amargurados dias
Que os ecos do shophar já vibram no deserto!

Um homem se erguerá... e os homens ajustados.
Por largo tempo assaz, em guerras de exterminios,
Trarão o céu, a terra e o mar incendiados...

Mas. Tu, persistirás, lê dor vador, bendito
Entoando a Axirá nos teus vastos domínios
Para gloria de Deus e do que está escripto. (COHEN, 1916, p. 76).

Ainda a respeito dos termos, na estrofe inicial, há referência a *Galuth*, que é a dispersão geográfica dos judeus ou diáspora judaica, porém existe outro significado que em parte se liga a esta primeira noção. Este termo é entendido amplamente quando se considera que o sofrimento causado pelo exílio poderia causar infortúnios como a submissão política e histórica dos judeus e conseqüentemente abalar a sua fé (BAER, 1977). Além disso, *Galuth* pode ser também entendido "como 'propaganda religiosa' a fim de promover uma 'conversão interna', isto é, os judeus errantes pelo mundo padecem pela sua fé. O sofrimento levaria a emendar suas más ações" (CONDE-SILVA, 2021, p.19).

Segundo os estudos de Goldstein (2005) há várias formas de se analisar uma obra poética, uma delas é observar os níveis lexicais. No caso de "Israel", é possível fazer isso colocando em análise os verbos ali presentes. Os verbos "ri", "persistirás" e "realizam-se" são verbos de ação e que se encontram no presente. Conforme Goldstein (2005), elocuições desse tipo dão sentidos de dinamismo e proximidade, respectivamente. Dinâmico e próximo porque se refere a algo que está ali no presente; próximo e acontecendo porque, nesse caso, o eu-lírico fala do que os judeus sofriam no período de guerra em que se encontrava a "Europa em convulsões" (COHEN, 1916, p. 76).

Ainda nesse sentido, o poema se constitui como injuntivo, aspecto notado pela presença dos verbos no imperativo como "Atira", "ri" e o chamado "Israel! Israel!", alertando para uma mudança no sentimento e na compreensão que os judeus dispersos deveriam ter, pois um novo tempo é chegado. Há nesse poema também um teor messiânico, como se vê nos trechos "um homem se erguerá", "em guerras de extermínio" e "trarão o céu, a terra e o mar incendiados" (COHEN, 1916, p. 161).

Este clamor apresenta outro sentido, isto é, o de pedir para que os judeus tenham e/ou permaneçam com a confiança em um amanhã melhor, apesar dos sofrimentos, pois, segundo o eu-lírico os "ecos do Shophar" (COHEN, 1916, p. 76) já vibram. *Shophar* é um instrumento de sopro tradicionalmente sagrado para os judeus. A sua menção no poema, intensifica a ideia de esperança que os judeus deveriam ter. A expressão "lê dor vador" (COHEN, 1916, p. 76) ou "de geração em geração" surge também com essa ideia e vem com o sentido de repassar a identidade e os costumes judaicos às gerações vindouras. Logo, além do poema falar sobre as adversidades, exala também um ar esperançoso para com o estado da comunidade judaica.

No Jornal *A Columna*, a crônica "Nossos irmãos da Amazônia", publicada na edição de agosto de 1917, informa sobre a presença de judeus marroquinos na região Norte. Na crônica, também pode ser percebido o teor sionista que Cohen, muitas vezes, ecoou em seus textos, como se vê no trecho em que fala sobre um grupo de judeus que luta pelos seus direitos: "[...] esta gigantesca lucta travada em pról dos nossos direitos" (COHEN, 1917, p. 108).

Nesta crônica, Cohen faz uma diferenciação entre os judeus do Pará e os do Amazonas, pois, "a colonia hebraica do Pará, por sua fortuna, intelligencia, e finissima qualidade, faz parte integrante da mais alta camada social daquelle Estado" (COHEN, 1917, p. 110). Ainda sobre o Pará, Cohen tece elogios aos judeus paraenses, não mantendo o discurso em relação aos amazonenses. Itacoatiara é a primeira cidade amazonense citada por ele. Cohen (1917, p. 110) observa que "[...] em matéria de religião e amor ao nosso ideal, a primasia lhe cabe em todo o Amazonas". A seguir, o cronista sionista cita Parintins destacando que "em razão de sua pequinissima colonia hebraica está relativamente, acima

da capital do Amazonas.” (COHEN, 1917, p. 110). O autor descreve essas duas cidades como “pedaços da Chanaan, no centro do Amazonas” (COHEN, 1917, p. 110).

Cohen termina abruptamente os elogios tecidos às duas cidades interioranas amazonenses e passa a se referir a Manaus. Ao tratar deste tema, se indigna ao acentuar que, neste local, ainda que seja uma colônia onde os judeus possuam “fortunas assombrosas”, ali nada tem para que o povo judeu possa se orgulhar, já que “não tem um cemitério, não tem uma casa de orações, não tem uma Hebrá, não tem...cousa alguma” (COHEN, 1917, p. 110).

Apesar de ter sido escrita a pedido dos redatores do jornal *A Columna*, a crônica chega, ao que parece, a ser um apelo íntimo e direto de José Benedito Cohen para com os judeus de origem amazônica. Apelo para que se dediquem mais ao judaísmo e ao movimento sionista que, segundo Cohen, são imprescindíveis para a vida e o cotidiano judaicos.

Já a “Carta aberta ao senhor A.B.”, é uma resposta direta e incisiva do escritor a um senhor que lhe escreveu de forma negativa sobre o sionismo. Nela, diz o senhor A.B.: “Para que me serve ter pátria se ainda não veio o Messias? Eu acho que isso não é mais do que uma palhaçada” (A COLUMNNA, 1917, p. 146). Cohen, como fiel sionista, tece palavras secas e duras ao senhor A.B., enaltecendo a importância do movimento sionista: “mais nobre, eloquente e ideal israelita” (COHEN, 1917, p. 147). O autor prossegue em seu discurso afiado e cita acontecimentos hediondos que acometem os judeus pelo mundo:

Sabe o Sr. A. B. o que é um judeu, na Rússia? Um cão! Na Alemanha? Um burro de carga! Em Marrocos, pátria do Sr. A. B.? Um depósito de pancadaria (kethe); um sinonimo de imundície, porque nenhum mussulmano pronuncia a palavra - judeu-sem aitepor lhe - o clássico - haxak hasidi, o equivale delitualmente a-*Com respeito do meu senhor*. Na Rumania o judeu só tem direito ao ar que respira. (COHEN, 1917, p. 148).

Cohen faz uso desse artifício de contar as “inúmeras miserias em que vivem os israelitas de outros países”, procurando assim como o próprio diz “movel-o á piedade por aquelles que tanto sofrem” (COHEN, 1917, p. 148). Para além desse motivo, busca mostrar-lhe (e a todos os que leem) o benefício do sionismo, isto é, o benefício que ter uma pátria judaica dará a essas almas que há tanto sofrem já que, segundo ele,

se nós tivéssemos uma pattria, teríamos, fóra della, um Embaixador, um Ministro, um Consul etc. Teríamos tratados que nos garantissem as nossas propriedades; teríamos emfim, de que lançar mão e a quem recorrer, quando nos negassem o Direito e a Justiça, como tem todos os povos desde e os mais cultos e selvagens. (COHEN, 1917, p. 148).

Ou seja, nos dois textos, vê-se o ardor com que Cohen trata o assunto sionismo, revelando a indignação que lhe causa ver judeus sem consciência política, ou que não procuram ter ciência dos males que caem sobre os judeus no mundo, como os *pogroms*, perseguições étnicas e assassinatos em massa. Para ele, o sionismo mostra-se mais que um movimento do qual faz parte. É, na verdade, um modo de vida e um tema presente em algumas de suas criações literárias.

5. Considerações finais

Considerando os assuntos aqui trabalhados, pôde-se perceber que esses dois temas – judaísmo e sionismo – foram essenciais na vida e na literatura de José Benedicto Cohen. Apesar de assumir a nacionalidade brasileira, Cohen prezou e deixou que sua origem judaica tivesse influência em sua vida pessoal e literária. A esse respeito, Waldman (2003, p. 20) defende que

quando se pensa a conjugação do ser judeu e do ser brasileiro, vê-se que são termos que não caminham juntos. Cada um deles carrega um conjunto de referentes ligados a realidades históricas, políticas sociais e afetivas diferentes. Mas é possível, e a literatura o faz, escavar os entre lugares, o ponto de intersecção de identidade evita a polaridade de binários, forjando uma terceira posição que reconhece as duas outras, mas flui em trilho próprio.

Cohen mostrou-se figura ativa tanto em termos religiosos quanto em termos políticos. Mostrou-se preocupado com questões que envolviam seus irmãos judeus quer no âmbito do sionismo, quer no religioso, como foi o caso de sua preocupação com os judeus da Europa, como se viu no poema "Israel" ou ainda a insatisfação manifestada em "Nossos irmãos da Amazônia", um elogio e um protesto à forma como os judeus amazônidas lidavam com a organização de sua comunidade.

Cohen chegou a publicar diversos livros, no entanto muitos deles se perderam. Para este trabalho, utilizamos poemas e crônica encontrados no Jornal *A Columna*, publicados entre os anos de 1916 a 1917. Cohen, para compor os textos publicados no *A Columna*, serviu-se majoritariamente de temas judaicos e sionistas, que vão desde os aspectos religiosos até os sociais. Assim, pode-se considerar que Cohen foi não apenas mais um poeta, mas uma voz sionista na Amazônia.

Referências

- A COLUMNNA. Pará; Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, 22, 23 e 24, set., out., nov., dez. 1917.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. 3.ed. Manaus: Valer, 2009.
- BEREZIN, Rifka. Projeções da Bíblia na literatura hebraica: o Midrash Moderno. *In*: LEWIN, Helena (org.). *Judaísmo: memória e identidade*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.
- BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. *In*: SORJ, Bila. (org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 25-57.
- COHEN, José Benedicto. Hagar. *A Columnna*. Pará; Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, nov. 1916.
- COHEN, José Benedicto. Israel. *A Columnna*, Pará; Rio de Janeiro, ano 2, n. 17 e 18, maio, jun. 1917.
- COHEN, José Benedicto. Nossos irmãos da Amazônia. *A Columnna*, Pará; Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, ago. 1917.
- COHEN, José Benedicto. Carta aberta ao Sr. A. B. *A Columnna*, Pará; Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, 22, 23 e 24, set., out., nov., dez., 1917.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil*. São Paulo: Humanitas. 2008.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *In*: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 25-50.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- JOZEF, Bella. O discurso do judaísmo brasileiro através da literatura e da arte. *In*: LEWIN, Helena (coord.). *Como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro de pesquisas sociais, 2009. p. 189-197.
- OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. *A kipá e o cocar: A rede intercomunitária judaica na estruturação urbana de Itacoatiara*. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura). Universidade Federal do Amazonas, 2019.

PEREZ, David José. Herzl. *A Columna*, Pará; Rio de Janeiro, ano 1, n.1, jan. 1916.

ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica: Poesia*. Belém: Amazônia Ed., 1970. v. 1.

SILVA, Alessandra Conde da. Escritores sefarditas na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 14, p. 163-177, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/21726>. Acesso em: 1 de jun. 2022.

SILVA, Alessandra Conde da. José Benedicto Cohen: um escritor judeu marroquino na Amazônia. *Universo Sefarad*, ano 4, n. 10, p. 18-25, set. 2021. Disponível em: https://issuu.com/usf_universo_sefarad/docs/usfissuusetembro2021. Acesso em: 13 maio 2022.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. [s.l.], mar. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1231339-Os-hebraicos-da-amazonia.html>. Acesso em 28 jun. 2023.

WALDMAN, Berta. *Entre passos es rastros*. São Paulo: Perspectivas, 2003.

Recebido em 15 de fevereiro de 2023

Aceito em 04 de abril de 2023